

A RETOMADA DOS ESTUDOS NA MATURIDADE

Luana Argenta Pereira¹, Marly Ivone Cipriano Dias de Oliveira²

RESUMO

O tema deste artigo é “A retomada dos estudos na maturidade”, cuja análise é calcada na pesquisa realizada com indivíduos que retomaram seus estudos após formarem suas famílias encontrando uma forma de voltar para a sala de aula. O problema do analfabetismo já foi mais crítico no país, porém hoje se percebe que a mentalidade do brasileiro está mudando, é cada vez mais frequente encontrar pessoas adultas em sala de aula, quando era habitual nessa fase da vida, se preparar para descansar somente. Pesquisas comprovam inclusive, que as pessoas que voltam a estudar tardiamente passam a ter uma melhor qualidade de vida física, mental e espiritual. Além do ganho com a saúde, também pode ser notado uma melhora na integração cultural e social, de acordo com relato dos próprios alunos, voltar a estudar traz uma maior sociabilidade, aumenta a autoestima, recicla e atualiza os conhecimentos, desperta para novos projetos, traz novas amizades, além de preparar para o envelhecimento saudável. Nota-se que nessa idade é muito comum o adulto se fechar em seu próprio mundo, cultivando uma determinada rotina, estabelecida ao longo da vida, deixando inclusive de se relacionar com pessoas, que não sejam seus familiares ou amigos mais próximos. Para esses indivíduos, voltar a estudar, significa encontrar e conviver com pessoas de todas as faixas etárias, das mais variadas formas de pensamento, o que contribui para a aprendizagem inclusive, a inclusão na área digital. A maioria desses indivíduos retomaram os estudos, buscando adquirir mais autonomia na vida pessoal e profissional, melhorar a autoestima, a comunicação e o relacionamento interpessoal, além de buscar melhores salários, para desfrutar desses benefícios ainda com saúde e disposição. Essas pessoas deveriam registrar o antes e o depois da volta as aulas, de tão grande os benefícios que o estudo proporciona a estes alunos. Essa melhora se deve ao fato do adulto adotar uma postura firme de aluno propriamente dito, já que estudar passa a ser uma opção dele e não uma obrigação, e desta forma o benefício é bem diferente, pois conseguem fazer mais tarde o que não conseguiram fazer na juventude e em alguns casos é a realização de sonhos. Essas pessoas precisam e merecem outra atitude por parte da sociedade, pois a sociedade também precisa do adulto, precisa da sua participação empenhada, precisa da sua lição de vida e do testemunho da sua maturidade. Porque se é verdade, conforme diz o ditado, que a vida começa aos 40 anos, então esses indivíduos que estão retomando seus estudos na maturidade, estão na verdade, fazendo um novo recomeço, como que nascendo novamente para uma nova vida. Esses indivíduos tiveram a coragem de mudar todo um percurso, recomeçando através de um novo caminho, onde tudo é diferente, porém com grandes perspectivas para o futuro.

PALAVRAS CHAVES:

Maturidade, Estudo, Oportunidade, Conhecimento, Tempo, Educação, Indivíduo, Profissão.

¹ Fonoaudióloga, Pedagoga, Especialista em Educação Especial. Professora orientadora na Faculdade Educacional de Colombo – FAEC

² Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo - FAEC

ABSTRACT

The topic of this article is " The resumption of studies at maturity " , whose analysis is grounded in research with individuals who have resumed their studies after forming their families finding a way back to the classroom . The problem of illiteracy has been most critical in the country , but today it is realized that the Brazilian mindset is changing , it is increasingly common to find adults in the classroom , as was usual at that stage of life , prepare to rest only. Research shows including people returning to study later go on to have a better quality of life physically, mentally and spiritually. In addition to the gain in health , can also be noticed an improvement in the social and cultural integration , according to a report from the students themselves , back to school brings increased sociability , increased self-esteem , recycles and update knowledge , awakens to new projects , brings new friends , and prepare for healthy aging . Note that at this age it is very common to close the adult in his own world, cultivating a certain routine established lifelong, even leaving to relate to people other than their family or close friends. For these individuals, back to school, means finding and living with people of all age groups, the most varied forms of thought, which contributes to learning even the inclusion in the digital area. Most of these individuals have resumed studies, seeking to acquire more autonomy in personal and professional life, improve self-esteem, communication and interpersonal skills, and seek better wages, to enjoy these benefits even with health and disposition. These people should record the before and after classes around , so great benefits that the study gives these students . This improvement is due to the adult to adopt a firm stance student itself , since it happens to be studying him an option and not an obligation , and thus the benefit is quite different , because they can do that later failed to make in youth and in some cases is the realization of dreams . These people need and deserve another attitude by society , because society also needs adult needs your committed participation , needs your life lesson and the testimony of his maturity . Because if it is true , as the saying goes , life begins at 40, then those individuals who are resuming their studies at maturity , are actually making a fresh start , like being born again to new life . These individuals had the courage to change an entire path , starting over with a new path , where everything is different , however, with great prospects for the future .

KEYWORDS:

Maturity Study, Opportunity, Knowledge, Time, Education, Individual, J

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa incentivar o indivíduo na maturidade a retomar seus estudos, proporcionando a estas pessoas melhores oportunidades e qualidade de vida.

FURTER (1973) afirma que a educação é um conjunto de modificações que formam um processo contínuo que só acabam com a morte.

CHALITA (2004) diz que

desde as mais remotas civilizações, a convivência social foi um grande desafio. Mulheres e homens, crianças e velhos, cada um à sua maneira tentou ao longo dos tempos percorrer os caminhos da sabedoria para encontrar a tão sonhada felicidade. O ser humano é social, não vive sem o outro e, sem o outro, não consegue ser feliz. Nesse instigante espectro, podemos reconhecer a grandeza divina, somos mais de cinco bilhões de pessoas, e somos únicos. Não há duas pessoas iguais. Nesse mosaico fascinante é que se percebe a importância e a grandeza da arte de educar. Educar é um ato de cumplicidade, de troca, de amor. Educar é ato de vida, o caminho e o encontro da felicidade. Educar é arquitetar e construir o futuro, é o abnegado ofício de plantar e colher. O grande desafio da sociedade contemporânea é educar, garantir, pelo conhecimento, a liberdade e o desenvolvimento dos povos.

Desta forma pode-se verificar a necessidade de entender o ser humano como único e pertencente a fenômenos de aprendizagem diferenciados a cada contexto social, cultural, econômico, afetivo, destacando a necessidade de identificar o afeto como fundamentado no processo de aprendizagem, contínua e constante.

Porém os problemas sociais interferem na produtividade e interação com a aprendizagem. Para tal este mesmo autor destaca situações relevantes para a construção de homens capazes de compreender a participação como cidadãos conscientes e transformadores, afirmando que

O problema econômico mundial passa pela educação. Povo educado tem mais higiene, conseqüentemente mais saúde. Povo educado trabalha melhor, portanto tem mais produtividade. Ou seja, com bons níveis educacionais se gasta menos, se ganha mais. É comum termos contato com relevantes dados do mundo informacional, a revolução tecnológica, o progresso científico, os avanços da engenharia genética e outras espetaculares façanhas conquistadas pela mente humana. A máquina alcançou patamares impressionantes, é verdade. Entretanto, o ser humano chegou ao macro e ao microcosmos, mas, não chegou ao essencial. Se as viagens entre países e continentes ficaram mais rápidas e seguras, a viagem ao interior humano ainda é penosa, complexa e rara. Em pleno Século XXI ainda se fala em discriminação, preconceito, isolamento racial, social, econômico. Na vivência da era digital, ficção literária e cinematográfica, a violência não cedeu espaços à paz, a tão desejada paz entre mulheres e homens. Assim, podemos afirmar que a educação é um ato de coragem e afeto. Coragem, porque não será a máquina ou o computador que substituirão o maestro da orquestra, o regente do processo de saber, a essência da educação: o professor. Nesse contexto, a educação torna-se ainda mais importante. Afeto, porque educar é um ato de amor ao próximo e a si mesmo. Quem educa não apenas ensina como, permanentemente, aprende. Crescem ambos os que estão envolvidos nesse diálogo, o mestre e o aprendiz. Porque se

confundem na mesma pessoa, na troca de conhecimento. Na evolução pelo saber. No equilíbrio do amar e ser amado, do dar e receber. No universo cada vez mais competitivo que ora vivemos, coube à escola também acumular a tarefa da educação como forma de preparar para a vida, como um todo. Por tudo isso, o papel do professor tornou-se ainda mais importante. O ato de ensinar, de aprender e, junto com os alunos, descobrir novos e maiores horizontes passou a exigir ainda maior empenho e dedicação. No mundo globalizado, para que o professor consiga cumprir o seu compromisso de preparar de forma ampla para a vida cada um de seus alunos, é preciso ter em mente mais do que um bom projeto pedagógico, um bom aparato didático, é indispensável ter coragem e dar afeto.

Sendo assim, a proposta desse trabalho é comprovar que independente da idade e das condições financeiras, qualquer pessoa pode iniciar ou continuar seus estudos, visto que para a educação e o conhecimento não tem idade nem classe social, basta o indivíduo querer e buscar, apesar das dificuldades enfrentadas.

Este artigo visa ainda, colaborar com tantos outros indivíduos, que hoje se encontram analfabetos, vivendo alheios a todas as informações e oportunidades disponíveis para os que sabem ler e escrever.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

FREIRE (2011) demonstra que na experiência de sua formação esta deve ser permanente,

começa por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade amanhã, de me tornar falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador.

Afirma também que é preciso que, desde o começo do processo fique claro, embora com diferenças entre si, que “quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Assim, ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

Para o mesmo autor

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando e reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e me comunicar ou anunciar a novidade.

Afirma também que a curiosidade ingênua, de que resulta certo saber, não importa ser metodicamente desrigoroso, este caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência leva

ao pensar certo, do ponto de vista do professor, que implica o respeito ao senso comum no processo de sua superação, quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora de cada educando. Implica ainda no compromisso do educador com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente.

Comprova, através de seus argumentos que “o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. E a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.”

Ao comparar as ideias de Freire, percebe-se que FURTER (1987) defende que “ao homem falta sempre algo. É profundamente imperfeito, mas, também, tem sempre algo para aperfeiçoar”. Sendo assim, conclui que com a educação e inserção na sociedade o adulto continua aprendendo. Desta forma complementa que “o homem, antes de ser educado, é menos do que uma esperança, ele é apenas mera eventualidade”. FREIRE (2011) também defende que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”.

Desta forma pensar certo possibilita ao professor ou, à escola, o dever de respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – os quais são saberes socialmente construídos na prática comunitária e também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos, direcionando-os a sua realidade.

CHALITA (2002) defende que “o enorme desafio do aprender a aprender é o desafio de formar seres aptos a governar a si mesmos, a desenvolver a liderança participativa, a aprender a dizer sim e a dizer não”.

MOURA (2006) afirma que

o processo de alfabetização tem como objeto de estudo principal o sistema de linguagem escrita e como objetivo, propiciar ao alfabetizando a apropriação desse sistema de representação, qualquer formulação teórica para a área requer, além do suporte das ciências da educação e o referencial as linguística. Essa compreensão não tem se dado de forma pacífica entre aqueles que atuam na alfabetização de adultos. O que se tem observado é a existência de um campo de conflito entre o aspecto pedagógico, numa perspectiva técnica ou não, o político e o linguístico.

Entende-se que através desse conflito, ao buscar um embasamento na linguística como ciência que estuda os modos de funcionamento de sistemas de escrita, o estudo dos confrontos entre o sistema fonológico da língua e seu sistema ortográfico, bem como o apoio da sociolinguística e da psicolinguística, seja possível adquirir condições favoráveis entre os três campos.

CHALITA (2004) afirma que

a sabedoria é uma conquista. É o velho na beleza que se emprestar ao termo, é sábio. Viveu muito e muito ainda tem para viver. Observou, aprendeu, ensinou. O sábio conhece as limitações e nem por isso deixa de sonhar. O velho não perde a juventude, pelo menos na forma que estamos tratando as palavras jovem e velho, mas acrescenta sabedoria ao espírito questionador e ao desejo juvenil de mudar o mundo.

Afirma ainda que “a dignidade do idoso é um aprendizado”. Questiona o fato de analisar quantas pessoas chegaram aos 80 ou 90 anos com projetos e ainda tem sonhos e não deixaram de viver intensamente, ao contrário daqueles que trabalham pela aposentadoria, sonhando com o dia em que não será mais útil, o velho sábio não se aposenta nunca. Tem direito a descansar mais, tem dever de ensinar mais, e também de continuar a aprender sempre.

Percebe-se que muitos autores defendem que “nunca é tarde para encarar os desafios, crescer, ensinar, compartilhar o que aprendeu seguir em frente e descobrir novas informações” e segundo LÚRIA (1988) a alfabetização tem como célula básica a apropriação do sistema de linguagem escrita, constituindo-se num sistema extremamente complexo.

Para AZENHA (1993) a ampliação do universo teórico dos educadores, com a incorporação do conhecimento da forma de aprender, é um elemento crucial para definir diferentes formas de alfabetização.

Devido a essa alteração na forma de aprender e ensinar, os educadores atuais, precisaram adaptar a sua forma de ensinar de acordo com o enriquecimento das informações e dos conteúdos adquiridos pelas crianças desde a sua tenra idade, visto que nos dias de hoje, as crianças já ingressam nas escolas com muito mais informações, adquiridas em seu dia a dia, o que facilita a demonstração destes conteúdos também na idade adulta.

HARA (1992) afirma que a segurança adquirida a partir da leitura e da escrita, vai se ampliando para outras áreas, destacando maior interação e motivação entre os indivíduos.

Essa segurança pode ser vista inclusive no comportamento interpessoal e social dos indivíduos, pois o conhecimento se expande num universo de realizações jamais alcançadas, para quem antes convivia alheio a qualquer tipo de informação.

CHALITA (2004) mostra que a relação entre o conhecimento propriamente dito e a relação com a forma de transmissão desse conhecimento é a “habilidade cognitiva”.

Sem a habilidade cognitiva não há transmissão de conhecimento, uma vez que não se transmite o que não se sabe.

BEISIEGEL (1996) defende a ideia de que “a preocupação política e as exigências técnicas na alfabetização não se opõem, mas são necessariamente complementares na educação popular.”

Afirma então que é preciso cuidado para que a alfabetização de adultos não seja vista apenas como uma forma política, do que uma preocupação para com o indivíduo analfabeto; não basta ensinar a ler e escrever, é necessário levar em conta todo o processo do indivíduo, tal como: o resgate de sua dignidade e de sua autoestima. Fala ainda da importância de não infantilizar os alfabetizados e sim valorizar cada indivíduo que busca com a alfabetização, mostrar sua capacidade e competência em aprender.

Para FREIRE, FERREIRO e VIGOTSKY (2006) “é preciso tornar possível uma prática de alfabetização problematizadora, transformadora, de qualidade e que possibilite um bom ensino”.

Segundo FREIRE (in, MOURA 2006), o analfabetismo, em relação aos adultos, apresentava a face mais cruel por vários motivos, dentre eles: impedia-os de ajudarem e motivarem seus filhos nos seus processos de aprendizagem, impedia-os de terem acesso a vários benefícios sociais que os impossibilitavam de desenvolverem formas de inserção na sociedade, que garantissem o exercício pleno da cidadania e ainda, fazia com que fossem tratados, na sociedade “letrada”, como seres inferiores, incapazes e, portanto, subordinados.

FURTER (1987) diz que a maturação não é mais imposta. É uma tarefa da qual sente a possibilidade até no próprio corpo, e que o homem precisa amadurecer para não perder as suas possibilidades. Defende ainda que a cultura não é bagagem, nem coisa. “É uma certa forma dada á história pessoal”. E diz ainda que o processo educativo será, antes de qualquer outra coisa, uma transmissão de algo que torna o homem maturo. Normalmente, este algo é definido como cultura e, portanto, pode ser designado como uma verdadeira “bagagem cultural”. Será um “haver”, que se sobrepõe à realidade anterior e que pertencerá ao homem como um capital, do qual vai desfrutar o que vai entretê-lo. Para ele a associação estreita que se costuma fazer entre a idade e o declínio das forças é discutível e discutido, de tal modo que, para o homem de hoje, a cada idade, abrem-se novas perspectivas, novas e decisivas possibilidades de se realizar a de se aperfeiçoar. E que a ciência da gerontologia diz que o “oslerismo” é um mero mito e que as possibilidades de readaptação e de criação do homem, mesmo quando velho, estão esgotadas, porém este autor também afirma que o homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um conjunto de modificações que formam um processo contínuo de formação que só acaba com a morte. Para este pensador, deve-se admitir uma concepção outra de maturidade. Ou seja, não pode-se afirmar, como

tantos querem e o fazem, que a criança é um ser imaturo que caminha para a maturidade que é alcançada na idade adulta. O homem é pré-maturo e vive em contínuo estado de aprendizagem, de amadurecimento independentemente do tempo bio-cronológico que não para. Por isso, a educação de adultos tem sentido. O mesmo continua aprendendo.

Não é possível, pois, dividir a vida humana em duas partes distintas: o tempo da aprendizagem (da infância e da adolescência) e o tempo da maturidade, no qual se goza o aprendido. Assim, a própria noção de maturidade torna-se indefinida, podendo educação, ciência e tecnologia mesmo desaparecer.

Segundo certos autores, dando lugar à noção de maturação contínua. Sendo assim, para FURTER (19987), o adulto é, também, um ser aperfeiçoável, perfectível, mesmo dentro dos seus limites e limitações e, a capitalização das suas experiências lhe impõem a possibilidade de modificar seu futuro em busca do equilíbrio.

Sabe-se também que, ao longo da história do homem, tem-se feito uma associação estreita entre o avançar da idade e o declínio das forças. Hoje, esta relação tem sido discutida, pois, com o desenvolvimento da Gerontologia, abrem-se perspectivas novas para o homem em cada idade, ou seja, novas possibilidades de realização e aperfeiçoamento. Portanto, a concepção tão comum de “oslerismo”, segundo a qual a velhice é forçosamente uma degenerescência, deve ser eliminada, por ser uma visão pessimista a priori e não científica do curso da vida humana.

Em suma, o homem é um ser que aparece imperfeito e inacabado no mundo. Seu destino, pela sua história pessoal, é ascender à plenitude. Sendo assim, não há possibilidade de definir “ser adulto”. Pode-se apenas falar em “momentos de vida” aos quais há possibilidade de responder desta ou daquela maneira.

Para THIOLENT (1980), o conhecimento é fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa dos indivíduos, a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente.

Segundo ALVES (1984), não há possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda; o autor relata ainda que a realidade dos fenômenos estudados parecia gozar de um caráter de permanência, de perenidade, e poderia, portanto ser isolada no tempo e no espaço para obtenção de um conhecimento definitivo a seu respeito.

VYGOTSKY (1988) defende a ideia de que a aprendizagem não é, em si mesma desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem conduz ao desenvolvimento

mental, ativa todo o grupo de processos de desenvolvimento e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem.

Segundo MOURA (2006), tanto Vygotsky quanto Freire e Ferreira valorizam o ensino e consideram o professor como um sujeito cognoscente que, ao mesmo tempo que ensina também aprende. Diz ainda que os adultos que buscam as classes de alfabetização, em sua maioria, passaram pela escola quando criança, por duas, três ou mais vezes. Pouco ou nada aprenderam do ponto de vista do “saber” socialmente produzido. São de tal forma desrespeitados o ponto de vista intelectual que as ações alfabetizadoras previstas nas campanhas, programas e projetos definem um tempo determinado – sempre mínimo em termos de dias/meses para que se alfabetizem. Em MOURA (2006), as análises que Ferreira realiza em relação a influência dos fatores sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo dos adultos, tal com a função social da linguagem que o adulto tem, em detrimento da criança, fruto da sua convivência no meio urbano, levam a inferir que sua base teórica de explicação do conhecimento está se abrindo para buscar outros caminhos explicativos que possam ajudar a responder a inquietação inicial. Nesse sentido, ela estaria superando o “mestre”.

Para OLIVEIRA (1988) quando os alfabetizadores trabalham com os adultos partindo da compreensão deles como sujeitos cognocentes, como sujeitos que tem um anterior sobre a linguagem, torna-se possível conseguir o seu desenvolvimento tanto em termos de resultados críticos, como linguísticos “a medida que os alfabetizados foram exercitando-se na comunicação oral e compreendendo o significado da leitura e da escrita, forma compreendendo também a importância de dizer sua palavra por escrito sem medo de errar”.

3 METODOLOGIA

Nessa pesquisa, para analisar alguns fatores que evidenciam o retorno escolar foi realizada uma pesquisa exploratória. O método utilizado foi uma pesquisa exploratória, as informações foram coletadas por meio da aplicação de um questionário, o qual continha 7 perguntas descritivas. Participaram da pesquisa 50 alunos, na faixa etária de 25 a 60 anos, todos, alunos da Faculdade Educacional de Colombo (FAEC / INESUL).

Questões:

- 1- Quais os motivos que o levaram a retomar os estudos na maturidade?
- 2- Qual a perspectiva de vida a partir da retomada dos estudos?
- 3- Quais foram os motivos que o impediram de concluir os estudos enquanto era jovem?

- 4- A falta de estudos causou constrangimentos no decorrer de sua vida?
- 5- O que mudou em sua autoestima no retorno aos estudos?
- 6- Você se sente uma pessoa mais feliz com o conhecimento adquirido?
- 7- Você incentivaria alguém a retomar os estudos baseando-se na sua experiência?

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos dados coletados, podemos observar que o principal fator que evidencia o retomada dos estudos na maturidade foi a exigência do mercado de trabalho e a insatisfação com as atuais condições de vida e a esperança por uma vida melhor.

Quando se perguntou sobre a perspectiva de vida a partir da retomada dos estudos, a resposta foi unânime, todos buscavam melhores oportunidades, salários dignos e melhores condições sociais.

Percebe-se que o motivo por não terem concluído os estudos quando jovens foi a falta de oportunidade, pois grande parte dos entrevistados veio do interior do estado, trabalhavam na lavoura e na grande maioria dos casos, precisavam ajudar suas famílias, principalmente os irmãos mais velhos, que tinham por obrigação ajudar aos pais a cuidar dos irmãos mais novos.

Além de não ter acesso a escola, outros ainda, principalmente as mulheres, não recebiam nenhum tipo de apoio, visto que os pais não permitiam que estudassem alegando que mulher não precisava estudar, pois o futuro que lhes esperavam era simplesmente cuidar da casa, dos filhos e do marido e para tal, elas não precisavam saber ler e escrever e sim, saber cozinhar, lavar, passar e limpar a casa.

Com isso, percebe-se que o motivo “trabalho” que foi o qual afastou a grande maioria dos indivíduos pesquisados, quando em idade regular, os motivou também a retomar os estudos, pois acredita-se que com um diploma na mão se conquista uma melhor posição profissional.

O fato é que a maioria dos entrevistados almejavam voltar aos estudos por demonstrar confiança nas escolas, como sendo uma saída potencialmente capaz de transformar suas vidas em todos os aspectos, sejam eles pessoais ou profissionais.

Ao questionar o grupo, se a falta de estudo causou constrangimentos em suas vidas, grande parte respondeu que sim, pois quando o indivíduo não tem estudo, fica com vergonha de se aproximar de outras pessoas, de desenvolver um diálogo, temendo não ter conhecimento suficiente para se aprofundar em qualquer assunto, além das tantas oportunidades perdidas

por falta de conhecimento. Com a retomada dos estudos, segundo os entrevistados diversas situações mudaram, inclusive a melhora da autoestima, pois com o conhecimento adquirido o indivíduo se sente mais seguro e muito mais capaz para se aproximar dos outros melhorando até o seu convívio com a sociedade.

Ao perguntar se esses indivíduos são mais felizes com o conhecimento adquirido, todos responderam que sim, pois o mesmo fez com que pudessem mudar até a maneira de pensar ou agir, melhorando assim, o discernimento e a visão perante os fatos.

Perguntou-se ainda, se esses indivíduos incentivariam outras pessoas a retomarem os estudos baseando-se em suas próprias experiências, e todos responderam que sim, visto que assim como eles se sentem mais felizes hoje, é justo que outras pessoas possam também se agraciar com essa feliz experiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver pesquisas sobre este tema é de fundamental importância, visto que o analfabetismo é algo que interfere significativamente no desenvolvimento social. Torna-se importante também pelo fato de esclarecer, uma situação que apesar de parecer insignificante é vivida por milhares de pessoas, onde muitos tem a oportunidade de retomar e compensar o tempo perdido.

Num mundo que perdeu os seus modelos de socialização e de comportamento, antes considerados estáveis e seguros, a vida passou a ser encarada como uma luta constante, por trabalho, sucesso pessoal e profissional, bem estar da família, constante atualização de informações e pela posse de bens de consumo, considerados imprescindíveis á manutenção de certos padrões de vida.

O verdadeiro sentido da vida deveria estar além do prazer proporcionado pelas coisas materiais. A vida só tem sentido se vivida de forma saudável e com as pessoas que amadas, com laços fortalecidos com as pessoas queridas. O mundo não é apenas a casa, nele habitam outras vidas e é através do bom relacionamento entre as pessoas que se vai construindo a identidade humana. E a juventude depende, isso sim, da forma como o ser humano souber manter, em todas as etapas da vida, a disponibilidade para aprender com os outros, com hospitalidade, gentileza, altruísmo e à disponibilidade para acolher as novidades do tempo, as surpresas da vida e o desconhecido. Mesmo quando sabe-se que esse desconhecido pode até ser, naturalmente, a própria morte.

A vida ensina que sempre há tempo para recomeçar e aprender, pois “o espírito não envelhece e não existe idade para ser feliz.”

Conforme percebido com estudos de LURIA (1988), a alfabetização tem como célula básica a apropriação do sistema de linguagem escrita, constitui-se num sistema extremamente complexo, demonstrando que a segurança adquirida a partir da leitura e da escrita vai se ampliando para outras áreas.

Para perceber a apropriação do sistema linguístico, faz-se necessário compreender que a afetividade torna-se elemento essencial e segundo HARA (1992, p 42) complementa que

*De repente meus olhos tiveram um brilho que antes não tinham.
Meu rosto se encheu de vida até então ignorado.
Meus passos ficaram mais leves.
Eu acabava de descobrir a alegria de estudar. Nasci de novo.
O conhecimento entrou em minha vida.*

6 REFERÊNCIAS

AZENHA, M. da Graça. Construtivismo de Piaget a Emília Ferreira. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios).

BEISIEGEL, Celso de Rui. Estado e Educação Popular: Um Estudo Sobre a Educação. São Paulo: Pioneira, 1974.

CHALITA, G. Educação: A Solução Está no Afeto. 19ª Edição. São Paulo: Editora Gente, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

FURTER, P. Educação e Reflexão. 16ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HARA, Regina. Alfabetização de Adultos: Ainda um Desafio. 3ª edição. São Paulo: Papiros, 1992.

LURIA. A. R. “Vygotsky”. In: Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. L.S. Vygotsky, A. R. Luria, A. N. Leonitiev, tradução: Maria da Penha Vilalobos. São Paulo, 1988, p.21-37.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Ed. Pedagógica e Universitária, São Paulo. 1986.

MOURA, T. M. M. A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. 4ª Edição. Maceió: Editora UFAL, 2006.

OLIVEIRA, R. Darcy e Pierre Dominice. Pedagogia dos Oprimidos e Opressão da Pedagogia. O Debate Pedagógico”. In: *Leitura Crítica de Paulo Freire*. Carlos Alberto Torres. São Paulo: Loyola, 1981, 9. 134-155.